

Construção e Validação de Instrumento para Avaliar a Percepção de Gestores sobre a Gestão de Riscos Corporativos na Inovação Aberta

CAXITO FABIANO A.

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEA

Agradecimento à órgão de fomento:

O artigo é baseado em estudo apoiado por: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES; Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária - FEAUSP. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. Fundação Instituto de Administração - FIA. Universidade de São Paulo - USP.

Introdução

A inovação aberta promove fluxos de conhecimento entre organizações e agentes externos, ampliando capacidades inovadoras. No entanto, expõe empresas a riscos estratégicos, operacionais e relacionais, desafiando os frameworks tradicionais de GRC como COSO e ISO 31000. Este estudo busca desenvolver e validar um instrumento que mensure a percepção gerencial sobre riscos corporativos em ambientes colaborativos, respondendo a lacunas teóricas e práticas no campo.

Problema de Pesquisa e Objetivo

Apesar da relevância da GRC para ecossistemas inovadores, faltam instrumentos que capturem sistematicamente a percepção de gestores sobre riscos em inovação aberta. Esse vácuo metodológico compromete a capacidade de mapear vulnerabilidades e estruturar estratégias eficazes. O objetivo é construir e validar um questionário aplicável a organizações brasileiras para apoiar decisões estratégicas e fortalecer a governança de riscos.

Fundamentação Teórica

A literatura destaca que a GRC evoluiu para integrar riscos estratégicos com o planejamento organizacional, mas frameworks como COSO ERM, ISO 31000 e modelo de gestão de riscos corporativos no ambiente de valor não consideram totalmente as dinâmicas da inovação aberta. Estudos recentes identificam riscos críticos, como lock-in com parceiros e apropriação indevida de PI, reforçando a necessidade de ferramentas específicas para contextos colaborativos complexos e interdependentes.

Metodologia

O estudo adota Design Science Research (DSR), orientando a construção e validação de um instrumento de diagnóstico com quatro dimensões: riscos estratégicos, operacionais, relacionais e mecanismos de mitigação. O desenvolvimento envolveu revisão sistemática da literatura, validação com especialistas e aplicação piloto em empresas brasileiras. Foram utilizados coeficientes alfa de Cronbach e análise qualitativa para aferir consistência e aplicabilidade.

Análise dos Resultados

O instrumento apresentou excelente confiabilidade (α de Cronbach acima de 0,89) e foi bem recebido por gestores de diversos setores. A análise indicou que ele permite identificar percepções sobre riscos críticos, fragilidades na governança e áreas prioritárias para intervenção. Ajustes feitos a partir do feedback dos especialistas e da aplicação piloto reforçaram sua robustez teórica e aplicabilidade prática.

Conclusão

O estudo oferece uma contribuição teórica e prática inédita ao propor um instrumento validado para diagnosticar riscos corporativos em inovação aberta. A ferramenta apoia organizações na construção de estratégias de mitigação e na ampliação de sua resiliência. Recomenda-se expandir a aplicação para outros setores e explorar a integração com tecnologias digitais para monitoramento dinâmico de riscos.

Contribuição / Impacto

A pesquisa disponibiliza um artefato metodológico aplicável a empresas de diversos portes e setores, promovendo uma gestão de riscos mais estratégica e eficaz em ambientes colaborativos. Socialmente, fortalece práticas de governança que favorecem a sustentabilidade e a inovação responsável, contribuindo para ecossistemas mais resilientes e alinhados às demandas contemporâneas.

Referências Bibliográficas

Chesbrough (2003); COSO (2004, 2017); ISO (2009, 2018); Oliva (2014, 2016); Oliva et al. (2014, 2019, 2022); Albuquerque, Couto & Oliva (2019); Santos et al. (2023); Peffers et al. (2007); Hevner et al. (2004); Zhang et al. (2023); Laursen & Salter (2006, 2014); Bogers et al. (2017, 2019); Shad et al. (2019); Sanders & Hambrick (2007); Dabic et al. (2023); Lee & Yoo (2019); Gordon, Loeb & Tseng (2009); Viscelli et al. (2016); Nunes & Abreu (2020); Linåker & Regnell (2020); Mazzucato (2018). West & Bogers (2014); Alberti & Pizzurno (2017); Lyu et al. (2019); Shad et al. (2019)